

PIONEIROS



Antônio da Silveira

Oportunidade de trabalho e progresso no Planalto

Arquivo pessoal



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

O dia, mais precisamente, a noite de 2 de março de 1959 ainda não saiu da memória do pioneiro Antônio da Silveira. A data é justamente quando ele deixava a cidade de Açú, no estado do Rio Grande do Norte, rumo a Brasília, ou à construção do que viria ser Brasília. “A minha primeira impressão da cidade foi de estranheza. Era uma coisa medonha de tanta poeira. Não conseguíamos ver nem o que estava logo a nossa frente”, conta Antônio. A primeira noite, ele passou no Hotel Rio de Janeiro, na Cidade Livre, para somente no dia seguinte ir à procura do irmão, Francisco, que estava em Brasília havia um ano. O irmão morava em um acampamento na Vila Planalto, onde Antônio também morou até arranjar um emprego na nova capital.

Mas não pense que isso demorou muito a acontecer. “Brasília era um ótimo lugar para quem estivesse à procura de um emprego e não tivesse medo de trabalhar”, lembra Antônio, completando que “como a construção não parava, tínhamos que dormir ao som dos motores de máquinas e batidas do martelo nas obras.” Seis dias depois de instalado na cidade, o pioneiro

começou a trabalhar na Companhia Planalto como porteiro e office-boy do Departamento de Edificações. A empresa, que prestava serviços à Novacap, era responsável pela fiscalização das obras da nova capital. Lá, Antônio trabalhou até 1961. Depois disso, trabalhou por dez anos na Novacap, e entre 1972 e 1990, esteve na Secretaria de Obras, onde se aposentou. “Como ninguém entrava ali sem passar por mim, acabei conhecendo muita gente importante para a cidade, como o engenheiro Peri da Rocha França, Israel Pinheiro e até mesmo Oscar Niemeyer”, orgulha-se. Antônio chegou a ser uma das pes-

soas que impediram Niemeyer de se envolver fisicamente em uma briga. “Doutor Oscar descobriu que um desafeto estava reunido em um gabinete onde eu servia café e foi lá tirar satisfações. Quando a briga esquentou, coloquei a bandeja em cima da mesa e tratei logo de segurar nos punhos dele para separar os dois”, conta. Depois de os ânimos estarem mais calmos, um assessor de Niemeyer, estranhando a firmeza com que Antônio o detivera, perguntou ao pioneiro se ele sabia quem era a pessoa por ele segurada. “Eu disse que conhecia sim, sabia da importância dele, mas precisava separar a briga de qual-

quer maneira”, lembra o determinado pioneiro.

Mesmo assustado com tanta poeira e falta de estrutura, Antônio da Silveira garante que não pensou nunca em voltar para aquela vida de puxar gado e amansar cavalos que teve, ajudando o pai na roça até seus 24 anos de idade. No início ele achou que não fosse conseguir. Afinal, ficaram no Rio Grande do Norte seus pais, os outros irmãos, os amigos e a noiva. “Mas fazia-se amizade facilmente em Brasília. Aos poucos, a saudade foi se transformando em uma lembrança gostosa”, afirma o pioneiro, que ficou três anos sem visitar

ANTÔNIO, BRINCANDO COM A SOBRINHA, EM CENA DE LAZER NA CIDADE LIVRE

seus pais na roça com medo de não agüentar e ficar por lá mesmo. Hoje ele não se arrepende nem um pouco de tanto esforço. “Imagino que minha vida sem Brasília seria muito pior porque, apesar das dificuldades que tenho aqui, ainda tenho uma vida melhor que a deles”, afirma.

As dificuldades do início de Brasília não eram apenas na hora de trabalhar ou de receber notícias da família — “as cartas

PIONEIROS

Ele chegou a Brasília em 1959 à procura de oportunidade profissional. Seis dias depois já estava empregado. Aqui, orgulha-se de ter estudado e criado os filhos



ANTÔNIO SE ORGULHA DA FAMÍLIA QUE FORMOU EM BRASÍLIA

Raio X

Nome: Antônio da Silveira
Idade: 70 anos
Origem: Açú, Rio Grande do Norte
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Funcionário Público aposentado
Estado civil: Casado
Esposa: Francisca Menezes da Silveira
Filhos: Cleta, Cláudio, Fernando, Dalma, Maristela e Lanusa.
Netos: Fernanda, Cleto, Vitor Fernando, Larissa, Cláudio Henrique e Paula.

chegavam todas ao Brasília Palace Hotel, onde ia todo domingo para ver o que havia chegado para mim". Até mesmo para se divertir é preciso infra-estrutura, mas Brasília estava repleta de jovens trabalhadores e criatividade era a palavra de ordem. "Havia bailes ótimos na Vila Planalto, onde eu ia e dançava até o dia amanhecer. A diversão era garantida", lembra Antônio, que até hoje mantém contato com a turma dos bailes da Construtora Rabelo, a maioria ainda moradora da Vila Planalto. Em um desses bailes, Antônio conheceu sua esposa, Francisca Menezes, com quem se casou em 1966 e teve seus seis filhos — três nascidos em Sobradinho e os outros três no Gama, cidade-satélite na qual Antônio mora desde a década de 70.

Outra fonte de diversão garantida eram as partidas de futebol. Mesmo sem ser um grande joga-

“ FAZIA-SE AMIZADE FACILMENTE EM BRASÍLIA. AOS POUCOS, A SAUDADE FOI SE TRANSFORMANDO EM UMA LEMBRANÇA GOSTOSA ”

dor, Antônio treinava no time de sua construtora na posição de atacante, de ponta-direita. "Eu não jogava bem e, por isso, não fazia parte do time, mas o futebol era uma ótima forma de integração entre os pioneiros", diz Antônio, que também não treinava muito porque era dedicado ao trabalho. "Tinha gente que fugia das construtoras para poder jogar. Eu nunca fiz isso", garante. O atleta só tinha uma ressalva a fazer em seu time: o uniforme era a camisa do Flamengo e Antônio é vascaíno de coração. "Hoje, meu neto, que é flamenguista, vê as fotos daquela época e fica curtindo com a minha cara por causa da camiseta", diverte-se o avô coruja.

Além do crescimento e do desenvolvimento de Brasília, Antônio também pôde acompanhar como as coisas evoluíram no Gama, pois dos quase 45 anos de Brasília, cerca de 34 foram dedicados

à cidade satélite. "Quando cheguei ao Gama não tinha o Bezerrão, o shopping nem os prédios residenciais que estão hoje por toda a cidade", afirma Antônio, que tem entre suas melhores lembranças o dia em que o time de futebol do Gama foi classificado para a primeira divisão do Campeonato Brasileiro. "A cidade ficou conhecida no Brasil inteiro e Brasília torceu muito", lembra. Não foi só Brasília e o Gama que cresceram durante esse período. Antônio da Silveira também foi vendo sua vida deslançar junto com as duas cidades. Foi aqui, lá pela década de 80, que Antônio estudou até o primário. E foi também onde criou os seis filhos, cinco dos quais professores. "Sou muito grato a Deus e ao presidente Juscelino Kubitschek por criarem Brasília, pois essa cidade oferece condições de vida a todos os trabalhadores, ricos ou pobres, não importa", finaliza.

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiavicatti, Stela Maris Zica e Vinicius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

